



Os delegados do Japão

Lá estão, aglomerados na galeria rial do histórico palácio de Saint James, os delegados das grandes potências mundiais, a quem incumbe a missão tormentosa de negociar um acordo para a redução dos armamentos navais... A gente contempla nas revistas as véras efígies dessas celebridades e fica assombrada perante os seus sorrisos inefáveis, os seus semblantes despreocupados, a quietude que transparece nos seus olhares.

Bailam nos cérebros desses homens — as agúias mais altaneiras da diplomacia actual — todas as idéias clássicas de fingimento e de traição, todas as subtilidades do maquiavelismo político que podem suscitar o engrandecimento, a hegemonia, das suas respectivas nações. E diante dos Kodaks, que são os mais impressionáveis aparelhos de registo psicológico, eles não mostram uma ruga, um olhar, um gesto, que possam denunciar as suas intenções recônditas, os segredos das suas almas elásticas, insufladas de patriotismo e de orgulho...

Admiráveis actores que sacrificam tudo — as definições ideológicas alicerçadas pela sua cultura, as inclinações humanitárias da sua inteligência, por vezes mesmo os impulsos da sua bondade instintiva — ao nobre desejo de bem servir os países onde nasceram!

Lá estão eles agora, à roda da mesa-desmaçada, em forma de ferradura, com um exército de técnicos e secretários à rétraguada, estudando-se, vigiando-se, adivinhando-se, surruteiros, melifluos, numa esgrima impiedosa feita elegantemente, à Marivaux, a fingir que todos os seus esforços tendem a preservar a humanidade de novas carnificinas, quando o que cada um deles pretende — e bem legitimamente — é aumentar o poder defensivo da nação que representa ou diminuir os recursos ofensivos do inimigo provável.

Luta dissimulada e terrível, que a multidão ingênua de todos os países julga ser o estertor do imperialismo, na qual entram como factores principais os interesses impuros do capitalismo insaciável e a necessidade urgente que tem as grandes potências, arruinadas financeiramente pela guerra, de minorar as suas pesadas despesas militares sem correr o risco do estrangulamento futuro da sua independência. Luta em que o amor à verdade não participa, em que os argumentos mais vibrantes não convencem ninguém, em que os discursos mais belos visam unicamente a embalar o público, em que todos os contendores temem as emboscadas, em que vencem aqueles que sabem aliar-se em segredo para serem fortes nos momentos decisivos...

O sr. Macdonald, o hábil chefe do governo inglês, teve dois fins em vista ao lançar a ideia ruidosa da conferência naval para a redu-

A CONFERENCIA EM LONDRE

ção dos armamentos: em primeiro lugar, interromper a política onerosa do Almirantado, tendente, segundo a tradição, ao acréscimo ininterrupto do poderio marítimo da Gran-Bretanha; em segundo lugar, popularizar o partido trabalhista, que teria a honra de suavizar os impostos, de encantar os contribuintes, se, no orçamento do Estado, a verba quasi astronómica destinada às contribuições navais pudesse ser esbatida.

A iniciativa do leader trabalhista foi audaz, inesperada, mas, apesar de ter as características habituais dos empolgantes arrebatamentos idealistas, não revelou em nenhum dos seus detalhes o mais ligeiro assomo de imprudência, de espontaneidade.

A Inglaterra constitue ainda hoje — apesar da autonomia concedida às suas colónias e que é o pronúncio da sua futura independência — um vasto e disperso império que, para se defender, para conservar a sua imponente unidade actual, carece de uma frota de guerra potente e rápida, postada de atalaia nos pontos estratégicos oceânicos. A sua situação geográfica na Europa coloca-a, como é sabido, na contingência de ver efectuar-se, no seu litoral, um desembarque de tropas inimigas ou um bloqueio em regra.

Esse desembarque fazia parte dos planos do estado maior alemão e ter-se-hia realizado, no começo da guerra, se as tropas que invadiram a Bélgica se houvessem apossado de Calais. O bloqueio, a efectivar-se, lançaria os fleumáticos e rubicundos habitantes da brumosa Albion — formada por um solo de produção agrícola escassa — nos horrores da fome sem clemência, no desespero de todos os desgraçados condenados à inanição.

O sr. Macdonald não é um irreflectido, nem um nescio, nem um



Três dos delegados à conferência, vindo-se à esquerda Ramsay Mac Donald.

CONFERENCIA NAVAL M LONDRES

a política one-
a acréscimo
m segundo
a de suavizar
ento do Es-
ções navais

na, mas,
s arrebatam-
es o mais

ia conce-
pendên-
ara con-
trotar de
tégicos
como é
desem-

demão
vadi-
efe-
mosa
nos
gra-

um

internacionalista dissolvente como os iconoclastas apressados que substituíram na Rússia o despotismo imprudente do Azar pela tirania bárbara de uma polícia fanática e de má índole. O democratismo das suas idéias não é capaz de o compeli a inferiorizar o seu país sob o ponto de vista naval. O sr. Macdonald sabe perfeitamente que se entrasse com decisão no terreno derrotista seria lapidado pelos seus compatriotas, mesmo por aqueles que alvejam o onipotente capital com as mais impetuosas catilinárias. O sr. Macdonald é, intrinsecamente, um puro inglês, isto é, um homem astuto, patriota e egoísta.

A única potência naval susceptível de amedrontar a Gran-Bretanha é a sua antiga colônia da América do Norte, libertada por Washington de braço dado com La Fayette. A supremacia marítima dos ingleses não foi até agora suplantada pelos seus rivais do novo continente. Mas a rapidez fulminante com que os norte-americanos mobilizaram, apetrecharam e despejaram na Europa milhões de soldados no momento mais trágico da grande guerra, foi uma advertência eloquente. Os Estados-Unidos são já hoje a segunda potência naval do mundo. A super-abundância de capitais, os seus incomparáveis recursos metalúrgicos, a sua poderosa organização industrial e o número formidável dos seus habitantes, permitem-lhe desenvolver a sua marinha de guerra rapidamente e sem que os contribuintes, saturados de prosperidade, se sintam molestados com os encargos.

Em boa verdade, o que o sr. Macdonald pretende é evitar a fúci e provável multiplicação da frota norte-americana. A Inglaterra foi gravemente atingida na sua estrutura financeira pela grande guerra. Os seus economistas supozeram que desse inexcedível cataclismo proviria a transferência automática da hegemonia industrial da Alemanha para o império britânico. Enganaram-se redondamente. As indústrias inglesas estão em plena decadência. O número de operários sem trabalho aproxima-se de dois milhões. O Estado despende somas fabulosas na subvenção desses desgraçados. A Inglaterra não pode, por conseguinte, acompanhar e muito menos exceder os esbanjamentos financeiros de que a América do Norte é capaz para reforçar a sua capacidade militar ofensiva.

Eis o pólen que engendrou a conferência naval de Londres.

E' claro que, na conferência, os delegados se esfalfam a cantar,



Três dos cinco delegados à Conferência Naval, vendo-se à esquerda, Mr. Briand.

um a um; a ária melodiosa do seu amor pela humanidade e, em cântico, o hino altissonante dos seus sentimentos pacifistas. E' com a repercussão dessas lóas maviosas que os ingleses contam para amansar e engodar os Estados-Unidos. Eles buscam pôr em cheque o democratismo decantado dos norte-americanos, o democratismo que os descendentes de Lincoln e de Washington apresentam à Europa decadente como a fonte de onde jorra a sua prodigiosa prosperidade actual. Se os norte-americanos não se dispõem a acalmar a sua febre de construções navais, se eles se desmascaram, a lenda da sua boa-fé, o seu prestígio moral, esboronam-se de golpe, como um frágil castelo de cartas. E então é possível que a Inglaterra, apesar de todo o seu orgulho, se disponha a colaborar na aventura da constituição dos Estados-Unidos da Europa.

Os outros países que emparceiram na conferência são, não obstante a sua influência mundial, méros satélites desses dois grandes planetas rivais. A Itália, entontecida pelos sonhos imperialistas em que a fez cair a política extremamente nacionalista de Mussolini, joga as cristas nos bastidores com o emplumado galo gaulez. Nação exclusivamente mediterrânea, com uma população crescente e de tendências emigratorias, com desejos iniludíveis de expansão no norte de África, ela é, em ponto pequeno, perante a força naval da França, o que os Estados-Unidos são para a Inglaterra. A França procura obstar, por conseguinte, á preponderancia marítima no Mediterrâneo da sua competidora. E' bem possível que, se a conferencia fracassar, ela ultime com a Espanha uma *entente* que lhe mantenha a hegemonia nesse mar. Mas estes são na realidade questões secundarias.

A conferencia é, em síntese, uma luta astuciosa entre os Estados Unidos e a Inglaterra. As suas intenções pacifistas são a mais recente *blague* da diplomacia. E se, como consta, o sr. Grandi, delegado da Itália e mestre em *coups de théâtre*, puzer à prova esse celebrado pacifismo, propondo a supressão completa de todas as marinhas de guerra, os senhores verão como a conferencia acaba de repente...



Os membros da delegação americana

VICTOR FALCÃO.